

Pensamento teológico anterior á Reforma Protestante.

Andreza Jucelly Severina da Silva¹

Juliana Marques de Almeida²

Resumo: O período que antecede a Reforma Religiosa do século XVI, que consolidou o cisma na Cristandade Ocidental, é marcado por oscilações de pensamentos teológicos pré-reformadores. Reformadores como Lutero e Calvino, estão inseridos num contexto, de estopim da Reforma Protestante, que, apresentou características dos pré-Reformadores do século XII.

Eles tiveram acesso às ideias e conceitos que foram mencionados e difundidos pelos próprios pré-reformadores e de seus seguidores. Debate este contido, restringido aos ambientes acadêmicos e clericais. Os mais ousados no questionamento ao dogma e legitimação da Igreja como soberana da Palavra Divina, pois, enquanto Instituição religiosa. a igreja detinha do poder de excomunhão e liberdade da fogueira. A partir da descrição de algumas obras, mais especificamente, na tese de pós-doutorado do professor Leandro Villela de Azevedo, onde, será abordado o pensamento que antecede a reforma religiosa Protestante. Percebendo que, a crítica à graça, a doutrina da transubstanciação, a questão dos dois caminhos, da hierarquia eclesiástica, são encontradas nas obras inglesas de John Wyclif, e inseridas no contexto religioso de Aquino ao concílio de Constança, dos espirituais franciscanos a Guilherme de Ockham. Wyclif formulou de certa forma a base para a reforma protestante, como também, a partir dele surgiu o movimento do grupo Lolardos. E neste ponto, se insere o mestre Ockham, franciscano de Paris e Oxford que influenciou diretamente Wyclif. A partir das circunscrições da corrente de pensamento wyclifista, exposto sob influência do pensamento de João Huss e ao movimento hussita.

Palavras chaves: Teologia, Igreja, sociedade.

Introdução: O objetivo deste artigo é de analisar os pensamentos que antecederam a reforma protestante. A partir da investigação histórica, social e política do século XII e XII, que enumera a escolástica : *pensamento da dicotomia entre a fé e a razão*. A igreja é a representação do paraíso na terra, Saint Denis é um exemplo de exuberância do poder das abadias, contrapartida, o homem não pode alcançar a luz sem ter o auxílio da palavra divina, do corpo de cristo, que foi pobre, e morreu junto dos seus.

Valdo sabia disso no século XII, principalmente quando notará que um de seus convidados faleceu em sua casa. A resposta para sua aflição foi, doa parte de sua fortuna, criticar a igreja, pois a ideia de subordinação a Deus passava pela aprovação do homem.

Ockham em seu: o machado de Ockham, tem um nominalismo puro para subjugar a igreja. O poder material é do mal, tende-se a imitar a imagem de cristo.

A verdadeira crise está no homem, as crises de autoridade e de unidade, onde, o mundo está em estreita amizade com a morte, porém, os há erros empírico para poder alcançar as ideias gerais, e universais. O relativo humano necessita do divino, porém, existe o livre arbítrio? a escolha, e a vontade racional de entender diante da verdade escrita na bíblia e não dos abades escolhidos por um poderio romano que fala deste todo pensamento teológico geral.

A igreja e a crise teológica do século XII ao XVI

A Igreja enquanto Instituição, deteve de um longo período do poder, por quase absoluto sobre a Europa Ocidental feudal. Poder este, uniformizado com o fim da Alta Idade Média, encontrando na relação de beneficium feudovassálica, o apoio necessário para estruturar suas diretrizes e dogmas. Apoderando-se e desviando-se de determinada maneira o poder monárquico às suas necessidades.

Na medida em que a Europa tornou-se cristianizada, sucedeu-se como necessário o afrouxamento de certos preceitos e dogmas, que caracterizavam o cristianismo primitivo. Essas medidas de arrefecimento, tomadas pelas ordens clericais e demais autoridades, por meio dos concílios, que visavam não apenas o “ganho de almas” à ‘Igreja Verdadeira’, mas, por detrás tinha objetivos políticos e econômicos, que moviam as ordens religiosas e políticas dos reinos Medievais.

A organização dessa estrutura social, paulatinamente se constituía, de maneira jurídicas ou religiosas, posteriores aos séculos XII e XVI, e que formaram as fontes críticas dos pré-reformadores e reformadores. Esse organismo mutacional, envolvia diversas ordens religiosas, de frades, monges, e freiras, além de todo, um complexo sistema clerical. Tal organismo se confundia entre suas obrigações religiosas, sociais e jurídicas; tendo seus costumes e tradições corrompidas pelos representantes da ordem clerical

A sociedade europeia girava em torno dos costumes deliberados pela Igreja, e determinadas ações dos clérigos e demais autoridades, corromperam a pureza evangélica do cristianismo primitivo, sendo, necessário o retorno a esse pudor. Porém, existia contrariedade aos ditames da ordem clerical e da Igreja, pois, a mesma alegava ter o domínio sobre a veracidade de maneira absoluta.

Além destas questões, os séculos que perpassam pela Pré-Reforma abrangeram profundas mudanças no quadro econômico e social europeu, o que, infligiu muito desânimo sobre a população, mais especificamente, sobre os líderes desses movimentos. Os mesmos não queriam a separação da unidade universal da Igreja, pensavam em uma reforma que se basea-se na própria Bíblia.

Todavia, esses clamores abalavam a autoridade papal e clerical, que viam neles uma ameaça para unidade universal da cristandade que controlavam.

A população e aos padres de paróquias eram privados do conhecimento por completo da Bíblia, do livro do velho testamento e neotestamentários, que eram pouco ensinados, sobrando para eles o vestígios do evangelho, dos salmos e hinos, que eram necessários apenas para celebração das missas e das festividades religiosas. Questões como essas, passaram a ser questionadas e denunciadas pelas ordens religiosas menores, que ignoradas pelas autoridades desse organismo institucional, causando preocupação na mesma.

Têm-se demasiadas acusações contra a Igreja. Entre elas está o pluralismo, ou seja, quando uma pessoa, especialmente cardeais, pagam por sua elevação ou aumento de seu cargo eclesiásticos, ou também, sobre a venda desses cargos (honorarias, cardinalato e sinecuras) para arrecadação de dinheiro para a instituição religiosa, sendo necessariamente, uma espécie de suborno. Além de, o concubinato se estender a quase todas as ordens religiosas, entre os quais os frades e monges detêm dos maiores escândalos. Por isso, o clero secular era mais bem visto pela população que as demais ordens.

A recorrência ao concubinato era muito praticada por toda a Europa, sendo isso, á ordem eclesiástica e papal era uma afronta à autoridade e legitimidade da Igreja, entretanto, tais práticas ganharam em vários locais o “apoio popular”. E segundo o historiador Will Durant, o mesmo não era uma corrupção moral, mas uma revolta contra a ordem celibatal. Para Erasmus: “Muitos conventos de homens e mulheres pouco diferem de bordéis públicos”. (Erasmus, Epistle 94 in. Froude, Life and Lettus of Erasmus, 352).

O representante da igreja católica entre os séculos XIV e XV, detinha de um número considerável de servidores, que tinham “hábitos mundanos”, sendo tais hábitos tão visuais quanto os funcionários dos governos contemporâneos.

“Uma corrupção profundamente arraigada se apossara de quase todos os funcionários da Cúria... O número excessivo de gratificações e de extorsões ultrapassava todos os limites. Ainda mais, por todos os lados as atas eram confeccionadas desonestamente, e até falsificadas pelos funcionários. Não é de admirar que se erguessem de todas as partes da Cristandade as queixas mais veementes sobre a corrupção e as extorsões financeiras dos funcionários papais”. (Pastor, VIII, 124.)

A ESCOLÁSTICA

A escolástica desenvolveu-se em uma camada universitária, que floresceu entre os séculos XII e XIII, representando uma complexidade de pensamento, cujo protótipo está voltado em si próprio, e detém de uma estrutura autônoma e organizada.

Entretanto, essa corrente de pensamento sofre no final do século XIII uma densa modificação avulsa, passando a ser menos otimista.

A aceitação da concepção aristotélica do universo no século XIII, foi apressadamente cristianizada na escolástica, não distinguindo os antagonismos entre ambos os pensamentos. Em meio à crise que permeou a cristandade, sobretudo a Igreja, a escolástica nominalista do século XIV, encontra-se sem recursos, sendo, aparente sua instabilidade.

O desenvolvimento crítico de um pensamento mais melancólico contribuiu para a fragilidade do século XIV, ocasionando em duas rupturas. A primeira situou-se no auge do pensamento do universo clerical, comprometendo a Filosofia-Sacra e a Doutrina-Teologia. A segunda atingiu a própria estrutura do conhecimento, por meio de uma contestação dos alusivos e da linguagem.

As crises que sacudiu a sociedade eclesiástica, no final do século XIV, teve repercussões no plano de sensibilidade e de pensamento. Tal como fora visto, a religião popular admitia, sem hesitação, a mediação eclesiástica, consistindo ela em ser social e cultural. Também sendo o alicerce da teologia nominalista, para além das aparências, situava-se no nível da Igreja como instituição.

A hermenêutica da doutrina única e ‘verdadeira’ da Igreja, aperfeiçoava-se no percurso do século XII, pelos doutores da Sacra Doutrina, legitimando a autoridade clerical. Os escolásticos consideravam e praticavam a antiga exegese (dos séculos IV e V dos padres gregos e latinos, com suas matizes variadas), uma dialética que apesar de sutil define relações da realidade histórica e espiritual, da sociedade e do indivíduo, do tempo e eternidade. Contém toda uma teologia da história em conexão com uma teologia da escritura.

OS VALDENSES

No século XII, a Cristandade sofre com possíveis sinais de rompimentos, cuja explicações vão desde reivindicações teológicas, mas, especificamente sociais. Os ‘heréticos’, assim denominados pela Igreja, situavam-se em possíveis pontos na Alemanha, Itália, Flandres e agrupadamente na França, região esta que se encontrava numa manifestação dualista.

Os heréticos, praticavam o dualismo maniqueísta entre 1167-1172. Sua ligação com o maniqueísmo oriental é notado, no qual, se tornaram uma corrente contrária a Igreja Romana. O renascimento maniqueísta insurgente, está indiretamente compilado pelo radicalismo ascético do maniqueísmo cisterciense, pois, esse neo-maniqueísmo Cátaro exigia tanto no intelecto quanto na sua estrutura social de coerência, para um período longínquo e benéfico; caracteristicamente asocial e anticristão, apesar de sua roupagem a este molde. Contrariamente a este, o maniqueísmo Albigense, ou seja, os

valdenses tinham uma posição anti-maniqueísta. A contestação albigense não está inteiramente direcionada ao fundamento da dogmática.

Os valdenses buscavam o rompimento com o formalismo tradicional da Igreja, e seus pregadores visavam um evangelismo anti-sacerdotal, defendendo a recusa de diversos sacramentos e o retorno à vida apostólica. Em meio a este contexto, Valdo após sua conversão, almeja o retorno da pureza original do ensino evangélico, portanto, devido as suas atitudes, há um paralelismo entre Pierre de Valdès e Francisco de Assis.

A uma distinção entre os maniqueístas e os valdenses, onde eles eram aliados ou inimigos, dependendo de como Alexandre III e elite da Igreja os distinguiam do contexto que estavam inseridos.

O concílio de Latrão, em 1179, incluía um programa de reformas suscetíveis para impedir a difusão das correntes heréticas, pois, ambas as correntes, Cátaros e Albigenses alimentava tinham objeções opostas à estrutura eclesiástica.

A caracterização que o *Lehnstaat*, O Estado Feudal, ser satisfatoriamente protetor para tornar menos útil à mediação da Igreja, definia que, qualquer revolta radical tendeu atingir a estrutura, ou seja, a Igreja era questionada.

Qual foi o coeficiente do sucesso das duas pregações contestatórias (valdenses e maniqueístas cátaros), que não terem canalizado uma revolta global?

Esta seria a justificção do abandono seletivo da atitude adotada no concílio de Latrão por parte das autoridades, especialmente, pelo pontífice Lúcio III, que condenou os valdenses e excomungou várias ordens medicantes da Europa Ocidental. A afirmação papal fora de que, esses hereges reclamaram do direito de dizer e fazer aquilo que pertence à cultura e os diversos sacramentos da ‘verdadeira Igreja’.

A Pré- reforma Inglesa

A Inglaterra no século XIV, apresentava um cenário hostil para que a Reforma Protestante se alastrasse. Afastada do continente europeu, também, estava afastada dos acontecimentos sociais e religiosos presentes no continente desde o século XII. Essa sua marginalização frente à Europa, fazia-a também participante, devido a um cristianismo de determinado modo longínquo da diocese romana, sendo mais abrupta de semelhanças, das reminiscências pagãs de seu passado primitivo, anterior à época feudal. Esse debate inter-religioso está indubitavelmente, vinculada às mudanças sociais e técnicas que o país passava ao longo desse século, juntamente, a crise sucessória do trono que ocorriam, e os pesados abusos por parte do sistema clerical em relação à nobreza na cobrança dos impostos e abusos de poder que o papa exercia sobre a família real. Entre essas e outras argumentações, a nobreza encontra em Wyclif, o apoio

necessário, no sentido teológico, religioso e jurídico, a contrariedade necessária para criticar as ordens clericais e papais.

O Papel De John Wyclif

Wyclif nasceu em 1320 na Inglaterra. Estudou na universidade de Oxford, e formou-se como doutor em 1372. Dedicado aos estudos da filosofia teológica, onde acentua a providência divina. : “Como pode o homem ao mesmo tempo ser livre para tomar qualquer decisão que lhe aprove, ao passo que Deus tem o controle de tudo” Segundo ele, a providência divina era maior que a razão, e não havia possibilidade e alternativa do homem tomar-se pelas suas ações superior, pois, esta é sabiamente determinada pelo poder divino, reduzindo a capacidade do livre arbítrio. Sua melhor obra, segundo o doutor em História social, Leandro Villela de Azevedo é “De Civili Dominio”. Nesta obra, Wyclif argumenta que a igreja não deveria interferir em assuntos seculares, devido o luxo da igreja e as posses excessivas de bens materiais por parte do clero pecaminoso.

Contrapartida, esta obra não é considerada uma lâmina afiada contra a igreja, pois o papa Gregório XI, ao invés de proibi-la condenou apenas 19 pontos. Ressaltando que, suas ideias e ponto de vista, encontra-se nas influências de Guilherme de Ockham, em sua obra “o machado de Ockham” onde atenuava para a importância dos papas imitarem a Jesus, doando todos seus bens materiais e em seguida juntando-se aos pobres.

Wyclif criou as premissas da impossibilidade de uma igreja que fosse autenticamente cristã. Nesta ocasião, o papa de Avignon Clemente VII, fora proclamado um antipapa e excomungado. Em seu lugar assume o papa Urbano VI. No momento da eleição do papa Clemente VII em oposição ao papa Urbano, acentua a hostilidade de Wyclif para os representantes da igreja. Passando a utilizar suas obras para atacar diretamente a igreja, o poder papal e as práticas consideradas errôneas por eles. A exemplo disto estão as obras: A suma Theologica, De eucharista, Trialogus e Chrgando, afirmando que a ideia da transubstanciação não passa de uma tolice, uma blasfêmia

A tradução da bíblia para o inglês alcança o povo, sendo objetivo irreduzível por parte deste, a acusação de que: a igreja era pobre de espírito. Neste ponto alcança muitos adeptos após a revolta camponesa de 1381, revolta liderada por **Wat Tyler**, Jack Straw e John Ball, os dois últimos mencionados seguidores de Wyclif.

Em 1383, Wyclif sofreu uma paralisia que paulatinamente foi lhe tirando as forças. Sua última obra incompleta é chamada de Evangelicum, onde aborda que, as escrituras sagradas eram autossuficientes, onde toda a essência do cristianismo está em detrimento com toda tradição da igreja católica, com o concílio e as bulas papais produzidas por mais de um milênio.

Após sua morte, um grupo de seguidores de suas ideias, continuaram a perpetuar ao longo de um século seus questionamentos, esse grupo é chamado de Lolardos.

John Wyclif é mais revolucionário do que os reformadores do século XVI. A extensão de sua teologia vai de um comunismo e anarquismo teórico contra a propriedade privada, da divisão de todos os bens, requerendo do povo a obediência aos poderes. O partido anticlerical se viu sentido, no seu comunismo, especialmente na condenação da riqueza eclesiástica. Além do apoio real, conquistava a opinião pública. Posteriormente, em meio à crise que se instalava, pede paciência aos seus seguidores. Concomitantemente também inicia-se os movimentos religiosos, entre eles, os dos lolardos. A Igreja em si comparou-os ao Valdensianos, por fazerem uso em “demasia da Bíblia” e persuadindo o povo a usarem a traduções “não-confiáveis”, pois, estas resultam em caos de crenças, devido pregação de individualidade da interpretação bíblica. Porém, Wyclif propôs a tradução do livro ao povo como um todo.

“Todos os elementos principais da Reforma estavam em Wyclif: a revolta contra a mundanidade do clero, e a urgência de moral mais severa; a volta da Igreja à Bíblia, de Aquino a Agostinho, do livre arbítrio para a predestinação, da salvação pelas obras à eleição pela graça divina; a rejeição das indulgências, da confissão auricular e da transubstanciação; a deposição do padre como intermediário entre Deus e o homem; o protesto contra a alienação da riqueza nacional para Roma; o convite do estado para terminar com a sua submissão ao papado; o ataque (preparatório de Henrique VIII) às pessoas temporais do clero. Se a Grande Revolta não tivesse feito cessar a proteção do governo aos esforços de Wyclif, a Reforma poderia ter tomado forma e raízes na Inglaterra 130 anos antes de eclodir na Alemanha”.

(Will Durant, História da Civilização, vol. I, pg.48, 1959).

Wyclife: obras

Wyclife teve várias de suas obras queimadas, especialmente em 1382. A principal perseguição e destruição de suas obras, ocorreu após o concílio de Constança em 1415, onde, seu mais famoso seguidor foi morto. Teve duas condenações post-mortem diferentes, uma de 45 teses e outra de 260 teses, havendo proibição completa da divulgação de seus materiais: livros panfletos, o que culminou com a queima de centenas de suas obras em Londres e em Praga.

I- Determination Quaedam de Dominó, que trata dos limites do poder da igreja em termos de cobrança de impostos, colocando o poder clerical em conflito com o poder secular.

2- Summa Theologiae,. Seguindo o estilo de Tomás de Aquino, utilizando apenas argumentos racionais que traziam um total de 13 tratados sobre a gênese, a natureza e a estrutura do homem no mundo.

3- De Eucharistia. Tratado que condena a doutrina da transubstanciação, defendendo que se trata de um símbolo para lembrar o sacrifício de cristo e não o corpo material presente no pão.

4- De Sufficientia Legis Christi- Prelúdio para Opus Evangelicum, que defendia que a bíblia era suficiente para governar o mundo, sem necessidade de intervenção da igreja.

5- De Veritate Sacre Scripturae: Defendia que a bíblia é como palavra de Deus revelada, e deveria ser soberana, superior a interpretação feita por abades, cardeais e papas, ao passo que suas ordens somente deveriam ser obedecidas se fossem comparadas pela bíblia.

6- The Wicket- trata-se de uma defesa de que o cristianismo real sempre será de minorias, uma vez que Jesus havia dito claramente que seus seguidores, os profetas de Israel seriam perseguidos e que o caminho da salvação é estreito.

Wyclif e os papistas

Wyclif aplica o termo “papistas” para definir aqueles que seguem ao papa acima de Deus. Redefinindo o símbolo negativo para seus seguidores, contrapartida os verdadeiros fiéis, têm a Jesus como seguidor. Tem várias de suas obras voltadas unicamente para atacar a figura do papa, os anticristo, detentores de fiéis satânicos.

Em the **Wicket**, Wyclif defendia que, o cristianismo sempre tende a minorias de seguidores, assim, como o antigo testamento, onde imperava o filho, a graça e a igreja católica com intermediária entre as pessoas e Deus. Irredutível, acrescenta que, no novo testamento imperava o Espírito Santo, o amor, a adoração em Espírito Santo e verdade, desta maneira, não necessitava-se de uma igreja.

A questão da Eucaristia e da transubstanciação.

A palavra transubstanciação começou a ser usada em meados do século XI, tendo seu conceito teórico bem estabelecido a partir de São Tomás de Aquino, através da Suma teológica. Pode-se definir, que a transubstanciação como transformação do pão em carne e o vinho em sangue de Cristo. Segundo Tomás de Aquino, seria uma transformação instantânea, renegando toda ideia de que a eucaristia representa símbolos apenas. Tinha validade no momento da missa, mesmo que este seja roubado, continuava sendo o corpo de cristo, porém, é importante esclarecer que apenas as pessoas escolhidas pela igreja detinha do poder para fazer essa transformação.

A transubstanciação defendida pela igreja católica propõe que realmente há transformação física na hóstia e no vinho, entretanto, Wyclif defendia que se trata

apenas de uma transformação espiritual ou simbólica. Apesar de parecer uma questão mais teológica do que prática, era uma das bases do poder da igreja católica na idade Média, frisando que, apenas os escolhidos pela igreja seriam dotados do dom da condução da prática da consagração da transubstanciação. A hóstia consagrada, enquanto corpo real de cristo, tinha uma plenitude milagrosa em seu envolto, e estes poderes imortais estariam sob plenos poderes da igreja. “A transubstanciação adquire novo status, e passa a ser protegida a sete chaves, por que algumas vezes era extraviada. Um objeto tão desejado quanto o próprio Deus, o pão que alimenta a alma. Ter o monopólio deste produto deste, é ter o controle sobre todo um povo”. Wyclif revoga a esta reverência, que não se passava de uma superstição que aumentava substancialmente a forma de poder clerical, representante de uma doutrina hipócrita, enganadora do povo, que roubava pessoas, que as fazem cometer o pecado da idolatria, negando a fé nas escrituras, e gerando a falta dela.

Wyclif e a relação de Guilherme de Ockham com Duns Escoto.

Guilherme de Ockham, mestre franciscano de Paris e Oxford, defensor principal do nominalismo ou termalismo. recusa categoricamente a razão, o poder de provar a existência de Deus e de compreendê-lo. Acreditava que a fé era suficiente para tudo.

É bem mais clara a relação entre Wyclif e Ockham, devido à proximidade temporal e espacial entre ambos, visto que, os dois estudaram em Oxford. Os temas presentes nas obras de ambos os autores são semelhantes, em especial no que diz respeito ao poder papal e as críticas feitas aos mesmos. Ockham era um Nominalista, ou seja, acreditava que os ideais universais platônicos e aristotélicos, não passavam de nomes, palavras, definições. O que importava para Ockham era o concreto, o palpável, o objeto passível de experimentação. O conhecimento deveria vir da experiência dos sentidos, pois não poderia existir uma ideia sem que uma experiência sensível a gerasse. Como franciscano, Ockham acreditava na tese de que Jesus em vida não havia conquistado posses, e que portanto a Igreja e seus seguidores deveriam despojar-se de todos os bens materiais para viver na pobreza. Já Wyclif, atinge os padres com todo seu desprazer, denunciando as indulgências como diabólicas, qualificando os papas como filhos do pecado e membros de Lúcifer.

Ockham enumera que as sagradas escrituras ou a razão evidente são certas, não submetendo a correção de ninguém, sendo apenas explicitadas por alguém mais sábio.

A diferença do pensamento dos dois teólogos está no fato de Ockham ser humanista, no que diz respeito à razão. Ter-se uma abertura lógica, todavia voltada para utilização da filosofia Grega, enquanto Wyclif critica a utilização da filosofia grega dentro de tratados teológicos, especialmente a filosofia aristotélica.

Encontramos em Guilherme de Ockham, o defensor da via moderna e o triunfo do ultra-intelectualismo. Temos em Duns Escoto a inspiração de Ockham, além de ambos serem provenientes da periferia britânica. Ockham adentra no interior do aristotelismo

para o melhor se compreender. Enquanto Escoto limitará o alcance da filosofia, reconstruindo uma espécie de segunda linha filosófica, Ockham mostra a impossibilidade na base do dogma da filosofia.

Ockham que segue as críticas de Escoto, recusa sua recuperação filosófica através do ser infinito, restringindo o domínio da demonstração filosófica e acentuando a separação iniciada entre a filosofia e a teologia. Analogamente, sem contato direto ao Antigo Testamento e através de um desvio, Ockham é admiravelmente fiel à teologia Pentateuca. Enquanto que a escolástica nominalista institui por fora do meio escolástico, um ambiente favorável ao desenvolvimento autônomo do humanismo, quanto à experiência mística.

Ockham rejeita o mediador instituído entre Deus e sua criação, entre Deus e os homens, além de criticar veemente a alma substancial e imaterial, e os principais morais. Acabou por reduzir a lei moral, unicamente, à vontade de Deus, e o conceituou como um ser puro ‘dado imediatamente como conhecedor’. Por isso, encontra-se no ponto de última flexão da teologia especulativa.

A influência do Wyclifismo no movimento Hussista

Encontramos especificamente em Wyclif e João Huss, os pesos que marcam o movimento pré-reformatório, oscilações estas que se situam de determinada maneira e inconstantemente, na periferia da cristandade. Ao contrário das reações que a corrente maniqueísta, valdense e medicantes provocam dentro um mundo superpovoado no centro da Cristandade.

Enquanto Huss e Wyclif constituíam e diluíam o pensamento da Pré-reforma, correspondente a problemática da instituição clerical. Problemática Essa que situa os dois em posições simétricas inversas e análogas. Distintamente, na época, a Igreja fora entendida como o instrumento de um coletivo, que dava salvação coletiva e também individual. A crise desse período atentou a retração da coletividade. É neste aspecto que a Pré-reforma e a Reforma, são perfeitamente solidárias.

Existe uma linha de continuidade entre Valdès, Wyclif, Huss, Lutero e Calvino. Sendo que, a distância entre esses quatro é minimamente igual. Os conjuntos de correntes e tendências diversas, segundo os humanistas da época, são designados por *devotio moderna*. É, contudo, nos tratados de Wyclif que encontramos as propostas para a Reforma.

Quase toda a eclesiologia hussita e protestante está contida, majoritariamente, no tratado wyclifista *De civili domínio*, além do fato de, a eclesiologia luterana ser hussita, e esta ter se inspirado no próprio Wyclif.

A composição dessa corrente de pensamento anterior a Reforma do século XVI, cujas bases e ideais encontram fundamento e instituição no hussismo e wyclifismo, está impelido na via de um subjetivismo pré-luterano, beneficiado do contexto e clima instituído pelo pensamento nominalista, além de que, a crítica wyclifiana visava apenas à doutrina eclesiástica e a prática de uma religião popular, técnica de salvação esta destinada pela pertença a um grupo de refúgio.

Os Lolardistas E Hussitas

A possível existência de um lolardismo universitário, de inspiração wyclifiana, antepassado do evangelismo humanista inglês, fez emanar do wyclifismo, uma predileção pela teologia positiva, captando uma tendência à uma leitura normativa da Bíblia. O sucesso de Huss na Boémia é explicado por uma diferença de evolução, pois, o protesto hussita é confundido com a revolta de quase toda uma sociedade no âmbito territorial de um conjunto de Estados.

Huss é nacionalista, o seu protesto é, religiosamente moderado e deliberadamente menos aculturante, o que o tornar mais eficaz. Nesses países marginais, da cristandade (por terem sido tardiamente cristianizados), a Igreja possui características de arcaísmo e de um enriquecimento arremetido. Base essa, constituída por um povo leigo que encontra refúgio nas práticas de um paganismo minimamente cristianizado.

A iniciativa de uma reforma, partiu do próprio imperador. Essa preocupação de um moralismo atento e as práticas dogmáticas da Igreja e seus ritos, além de outras questões sociais e morais, tornaram se críticas a insuficiências do clero. Sob a autoridade e iniciativa do episcopado manifestam-se vários pregadores populares, onde se encontrava, na pregação do ortodoxo Janow, o surgimento de uma corrente reformista moderada, sendo que o mesmo, ao observar as infelicidades da igreja desagregada, encontra a hierarquia de Wyclif.

João Huss, estudante universitário moderado, e nesse ambiente acadêmico, que encontra o apoio documental à sua reforma. Visto que na Boemia, encontra os exilados alemães, vítimas de uma perseguição wyclifista, e no mesmo território houver maior difusão das obras wyclifianas. Neste local, separado pelo cisma que Huss destaca-se a ruptura com a tradição medieval. A sua pregação é neotestamental, mais evangélica, cujas referências escriturais suas indeferem à Reforma protestante, especialmente a calvinista.

Vivendo no centro do Cisma, Huss denuncia os abusos da Igreja. Desejava uma piedade exterior menor e uma maior relação pessoal e tempos de oração. A violência nele contida é sensível. A sua morte na fogueira, aclamou o furor do povo, incentivando-os a revolta e a separação de meio século da Igreja Boémia da Igreja

Católica. Isto impulsionou a agitação político-religiosa posterior dos Estados boémios. Junto a este clima, a sucessão do Grande Cisma, emergiu num processo de radicalização, pois essa ruptura entre ambas as instituições, cometeu aos seus fiéis reivindicarem a comunhão e a união entre as duas.

A presumível inconsistência de Erasmo de Rotterdam

Ao contrário dos demais pré-reformadores, Erasmo foi uma figura contraditória, pois ao passo que criticava a Igreja e a organização clerical, não desvinculou-se da mesma, diante suas corrupções e abusos. Apesar de ter tido uma criação monástica e fazer voto como cônego agostiniano, era um ilustre admirador da literatura e detinha profundo conhecimento sobre os clássicos gregos e romanos, tentando conciliá-los com a doutrina cristã, em meio ao florescimento do nominalismo francês. Essa dubiedade levou-o, posteriormente ao ceticismo frente à ordem clerical e dogmática da Igreja, porém não se afastava totalmente da Ordem. Suas diversas idas à Inglaterra, o fez aproximá-lo de Thomas More e encantava-se com seu refinamento intelectual às correntes humanistas.

Na França publicou algumas obras. Por se encontrar em distintas andanças pela Europa Ocidental, por necessitar sustentar-se financeiramente, encontra nesse clima, a oportunidade de intensificar suas publicações, traduzindo obras clássicas e produzindo adágios, sendo alguns de próprias autorias. Em sua terceira viagem à Inglaterra, numa estadia de cinco anos, seu contato com More, o faz escrever o livro o “Elogio da Loucura”, no qual essa mesma obra estendia-se a vários aspectos do ser humano, como indivíduo, como ser. Segundo Erasmo, a raça humana deve sua existência a Loucura, em que a complexidade humana ilustra a necessidade da loucura e a tolice da sabedoria.

A respeito do procedimento eclesiástico, faz críticas dos abusos dos mesmos. Mesmo com seu procedimento, faz uma distinta reflexão na passagem do evangelho de São Matheus, no verso XI:30, cuja sua tradução neotestamentárias, cede a nota fundamental aos reformadores, a necessidade insurgente de tornar à Igreja de Cristo:

“Verdadeiramente o jugo de Cristo seria suave, e seu peso leve, se as mesquinhas instituições humanas não acrescentassem coisa alguma ao que ele mesmo impôs. Ele nada ordenou a não ser o amor uns pelos outros, e não há nada, por mais amargo que seja, que a afeição suavize e adoce. Tudo segundo a natureza é facilmente suportável, e nada concorda melhor com a natureza do homem do que a filosofia de Cristo, do qual o único fim é devolver à natureza caída sua inocência e integridade... a Igreja acrescentou-lhe muitas coisas, das quais algumas se podem omitir sem prejuízo da fé... como, por exemplo, todas essas doutrinas filosóficas sobre... a natureza – e a distinção das pessoas – da Divindade... Que regras, que superstições, nós temos a respeito da vestimenta!... Quantos jejuns se instituem!... Que diremos dos juramentos... da autoridade do papa, do abuso das absolvições e dispensas?... Oxalá os homens se contentassem em deixar

Cristo governar pelas leis do Evangelho, e que não mais procurassem fortificar sua tirania tenebrosa com decretos humanos”.

(Smith, Age of Reformation, 58)

Quanto ao campo filosófico e teológico, vai desde secas e dissipadas críticas, como também contribuições às mesmas. Tendo o seu comentário crítico, sido estendido da necessidade eclesiástica em recorrer aos milagres e prodígios presentes nos santos e na própria instituição – aparições, relíquias curativas, evocações de figuras “semelhantes da superstição”:

“Estes absurdos... são um bom negócio e proporcionam uma renda aos padres e frades que por meio deste ofício conseguem o seu lucro... Que direi eu dos que louvam e sustentam o embuste dos perdões e indulgências; - que por meio destes calculam o prazo de estada de cada alma no purgatório, e lhe conferem uma permanência maior ou menor segundo a aquisição que fizerem de maior ou menor número destes vis perdões e isenções negociáveis? Ou que se pode dizer bastante mal de outros que fingem que pela força de tais encantos mágicos, ou pelo manejo de suas contas no ensaio de tais e tais pedidos (que alguns impostores religiosos inventaram, ou para divertimento, ou, o que é mais provável, para lucro), fornecerão riqueza, honrarias, prazer, longevidade e uma velhice luxuriosa, e mais depois da morte, um lugar à mão direita do Salvador?”**(Erasmus, In Praise of Folly; 86-88).**

A publicação da obra, O Elogio da Loucura, levou os teólogos a uma fúria compreensível. Os favores que lhes foram cedidos pelo papa Leão X, talvez contribuíssem pelo seu não rompimento com a Igreja. Julgava secamente e oscilava desses costumes da cristandade de sua época. Dava explicações alegóricas e racionais de várias passagens bíblicas, entretanto, apesar do seu racionalismo, perpetuava exteriormente a ortodoxia católica.

Conclusão

O cenário que antecede e se estende até a reforma, é composto por uma série de questionamentos a cerca do papel da igreja, questionamentos estes que proporcionaram o acesso a exegese bíblica, como também, ao pensamento dos pré- reformadores, que abalaram o sistema eclesiástico da igreja da Europa Ocidental.

Percebe-se, que a Reforma em si, apresentava possíveis indícios de uma essência anterior ao século XVI, conjuntura favorável a uma transformação no interior da igreja. O que faltava para essa transformação se realizar, era , a figura de alguém intenso, convicto de suas ideias, para contrariar e levar adiante uma oposição a Sé Apostólica Romana, independente dos futuros resultados.

O que confirmou a Reforma, apesar dos embates e desmembramento entre os líderes do movimento, fora a persistência dos Reformadores e o fato de terem encontrado apoio naqueles reinos que já estavam descontentes com a crise da Sé Apostólica Romana

Bibliografia

Azevedo, Leandro Vilela. As obras inglesas de Jhon Wycliffe inseridas no contexto religioso de sua época: Da suma teológica de Aquino ao Concílio de Constança, dos espirituais Franciscanos a Guilherme de Ockham. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14062011-135520/publico/2010_LeandroVileladeAzevedo.pdf> Acesado em: 28/10/2016

Chaunu, Pierre. O Tempo das Reformas (1250-1550) I. A Crise da Cristandade. Lisboa: Edições 70, LDA., 1993. Págs.: 79-119; 181-241.

Durant, Will. História da Civilização. 6ª Parte, A Reforma. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. Capítulos II, V, XIV, XIX.

Durant, Will. História da Civilização. 4ª Parte, A Idade da Fé. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. Capítulo XXVIII.

DELUMEAU, Jean. Nascimento e Afirmação da Reforma. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989. Págs.: 60-83; 251-271.

Rops, Daniel. A igreja da Renascença e da reforma. Vol 1. SP. Editora: Quadrante.1996.

1 Estudante do 6ª período do curso de História da UFPE.

2 Estudante do curso de História da UFPE